

AGENDA

DDCSCD – Serviços da Biblioteca Municipal de Montalegre

Maio - 2014

“Quando em Maio não troa, não é ano de broa.”

AUTOR em Destaque



Branquinho da Fonseca

Poeta, dramaturgo, ficcionista e grande vulto do Segundo Modernismo Português. Organizador e primeiro diretor do Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian, sendo também considerado como uns dos mais altos expoentes da novelística portuguesa de todos os tempos.

Biografia

António José Branquinho da Fonseca, filho do polémico escritor Tomás da Fonseca, frequentou os primeiros anos do curso liceal, em Lisboa. Nasceu a 4 de Maio de 1905, e faleceu em 7 de Maio de 1974, há precisamente 40 anos. Com dezasseis anos vai para Coimbra, onde terminou os estudos secundários e o curso de Direito em 1930.

Em 1935, foi nomeado Conservador do Registo Civil em Marvão, tendo desempenhado as mesmas funções na Nazaré, em 1936. No ano de 1943, é provido no lugar de Conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, de Cascais, onde já residia e onde lançou a experiência das bibliotecas itinerantes, o que foi aproveitado pela Gulbenkian, que o convidou para organizar e dirigir o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas, dessa mesma Fundação, a partir de 1958, tendo sido o seu primeiro diretor, até à data da sua morte.

Usou o pseudónimo de António Madeira, e o seu itinerário artístico pode ser balizado seguindo a bibliografia adiante incluída. Colaborou nas revistas *Manifesto*, 1936, e *Litoral*, 1944. Foi coeditor das revistas *Tríptico*, revista de arte, poesia e crítica (Coimbra, 1924-25), *Presença*, folha de arte e crítica (de 1927 a 1930) e *Sinal*, revista literária (Coimbra, 1930).

Branquinho da Fonseca foi um presencista. Para o compreendermos, deveremos lembrar a principal característica desse movimento: a total liberdade de criação artística, movida pela necessidade de cada qual poder assumir a sua própria verdade e sensibilidade, donde a assunção de um individualismo subjetivo bastante descomprometido com o social e o político. A dor de homem isolado conduzi-lo-á a uma lúcida

autoanálise e a um confessionalismo direto e extremamente transparente, num discurso concreto mas simultaneamente onírico, sempre autêntico: «ai daquele que se perde de vista a si próprio», confessou-o.

Se observarmos de perto o quase omnipresente narrador-personagem, não poderemos deixar de ver nele um autorretrato, do qual se destaca uma permanente hesitação e insegurança, em termos comportamentais, que chega a atingir a desistência, associada à inadaptação a um mundo social que lhe é hostil e que o arrastou para o ceticismo político-social: «todos (os caminhos) vão dar a Roma». Compreendemos, assim, a sua introversão egocêntrica e amargurada, pois «o meu reino é uma ilha». A timidez e cautelas que manifesta perante os vários companheiros de viagem (e perante a mulher, a que nunca acederá) impediram-no sempre de os contrariar ou de se lhes opor, permitindo-nos talvez apreender as razões, tão visíveis na sua obra, da sua extrema suscetibilidade quanto a sentimentos como o de se sentir ridículo ou facilmente vexado: «desprezarem as coisas... mas de que sou escravo, é a pior humilhação... o maior vexame». Para se defender de todos estes constrangimentos e escravidões, o caminho encontrado parece ter sido o do distanciamento das coisas, com a subsequente atitude racionalista e irónica que perpassa em todos os seus textos, devendo o aparente amoralismo e indiferença ética, por outros detetados, mais não ser do que uma resultante óbvia dessa mesma atitude. Na verdade, se o confronto entre personagens é só inicialmente esboçado, é porque as situações conflituosas não devem fazer parte das perspetivas e atitudes do escritor, acabando por diluí-las, ou mesmo anulá-las, por meio de palavras e gestos socializados, tantas vezes através da bonomia, indiferença ou humor, o que não quer dizer que não mostre hostilidade contra os preconceitos políticos e ideológicos que, na altura, faziam eco, mas que considerava inadequados porque sub-repticiamente falsos e enganadores.

Essa mesma habilidade estendeu-a contra a cidade e contra a própria família, enquanto espaços fechados geradores de hipocrisias, dos quais «Curva do Céu» é um símbolo, na figura da criança moribunda, a quem apenas concede o poder de sonhar. Atendendo agora à dinâmica e características globais, quer da obra ficcional, quer do próprio A., dir-se-á que não haveria outra alternativa que não fosse a da criação, como elemento nuclear, de um narrador onisciente e participante, para se poder assumir como testemunha (e até mesmo como inspetor) – «encontre-me a observar-me as reações... as ideias» – perspicaz e inteligente e que desempenhasse plenamente as funções de condutor interno dessas mesmas narrativas. É que isso permitir-lhe-ia coordenar e ajustar os processos narrativos e introduzir neles as componentes da personalidade artística de Branquinho, mormente a necessidade de confissão e comunhão com o leitor, por meio de uma linguagem direta, coloquial e luminosamente transparente, desnudando intimidades psíquicas (sobretudo através do monólogo e da divagação) e que sentimos como totalmente sinceras e verdadeiras, até porque o destinatário é também o próprio escritor.

Associado a este narrador-personagem, encontraremos habitualmente um companheiro de viagem, formando com ele uma dupla de solitários, por vezes dissimulados, mas sempre interativos e desencadeadores da ação. A instituição destes dois polos narrativos facilita a cisão fictícia de um todo, que engendra um esboço de confronto dramático. Num desses polos, encontraremos uma unidade consubstanciada no viajante mental, o escritor que tem a função de se transcrever e de testemunhar o outro, mas confessadamente sedentário: «para pensar bem é preciso estar quieto», utilizando um discurso metonímico, essencialmente referente de um mundo quotidiano e natural, profundamente racional e lógico, porém estranhamente voluptuoso, elegante, lírico e cândido, numa justaposição de frases eminentemente coordenadas por adversativas – necessárias à premente introdução do inesperado, invulgar e insólito – e tantas vezes expressionistas pela captação subjetiva e deformadora do pormenor que habita o mundo real. No outro polo, encontramos o mundo da ação, o do viajante dinâmico que se exprime através do diálogo ou dos seus comportamentos, retratando um eu apaixonado, onírico e dramático, gerador de situações enigmáticas, plurissignificantes e intrinsecamente simbólicas. Não será pois de estranhar que esta personagem possa ser, por um lado, agressiva, prepotente ou intimidante, ao começo, e tornar-se depois gentil e afável, mesmo tímida e ingénuo, para que se possa estabelecer, entre os dois polos, a comunhão e uma ponte. É nesta comunhão, «agarrando-lhe no braço, já familiarmente», que os dois vetores se associam num sistema muito bem urdido e coerente, que só uma experiência vivencial própria poderia ter construído. Esta dupla toma existência em vagabundagens noturnas, no meio das sombras e em espaços sem nome, labirintos e encruzilhadas perdidas algures em solares arruinados, onde o «de repente» e o inesperado brotam a todo o momento, formando um tecido de sonhos, uma paisagem kafkiana, mas sempre real porque psicologicamente coerente e verdadeira.

Sendo a obra do A. constituída por poesia, teatro, romance e contos, só estes denunciam um nível de maturidade que atinge a perfeição, destacando-se *O Barão*, *Rio Turvo* e *O Involuntário*. Ler estas narrativas é ler, de facto, o essencial de Branquinho. Quanto aos restantes trabalhos, quase poderíamos considerá-los «apontamentos» de uma fase experimental, produto de uma verdura da juventude, o que não impede que neles se manifestem positivas realizações do vanguardismo pós-modernista.

De qualquer forma, Branquinho não constrói histórias de amor, como já tem sido sugerido, onde a procura da mulher se torna tema. Os desencontros amorosos são, na verdade, episódicos. Os verdadeiros temas

são o da Auto confissão e o do encontro, comunhão e entendimento entre as duas entidades já assinaladas, as duas instâncias de um único «eu» perante o inelutável que será o da mulher etérea, botão de rosa, vestal, «um astro que circundo que é só meu e não habito», reconfirmado pelo «busco...aquela a quem ama a minha alma». Dir-se-á um poeta sem corpo, ainda na «eterna juventude», fechado no seu casulo. Nele, poderemos ver a paixão mas nunca o amor, daí que as suas narrativas sejam uma «viagem / que não começou nem acabou».

Bibliografia Ativa

Poemas, 1926
A posição de guerra: drama em um ato (teatro), 1928
Mar coalhado (poesia), 1932
Zonas, 1932
Caminhos Magnéticos, 1938
Teatro, 1939
O Barão, 1942
Rio Turvo e Outros Contos, 1945
Porta de Minerva, 1947
Mar Santo, 1952
Bandeira preta (contos), 1956 ; 1986
No Rasto do Corsário, 1962
Poesias, 1964

Bibliografia Passiva

Ferreira, António Manuel. *Arte maior: os contos de Branquinho da Fonseca*, Lisboa: INCM, 2004

(in <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=7902>)
(<http://pt.wikipedia.org>)

Ações de promoção do livro Leitura e Literacia

Ação -1

Durante o mês - DESAFIO: Resolve e confirma o resultado na Biblioteca Municipal

O autocarro escolar

Um autocarro escolar transporta um grupo de alunos.

Na primeira paragem, saíram 3 e entraram 6.

Na segunda paragem, desceu a Catarina e os seus 3 irmãos.

Na última paragem, desceram 13 alunos.

Quantos alunos havia no autocarro antes da primeira paragem?

Ação -2

Dia 01 de maio – Dia do Trabalhador



O Dia do Trabalho ou Dia do Trabalhador é comemorado no dia 1º de maio em diversos países do mundo, sendo feriado no Brasil, Portugal, Rússia, e França, entre outros.

O Dia do Trabalho é o momento que os empregados e as empresas têm para refletir sobre as legislações trabalhistas, normas, regras de trabalho. É também considerado importante no dia 1 de maio relembrar a história, onde diversos trabalhadores lutaram, para hoje em dia as pessoas poderem usufruir dos benefícios.

Exposição Bibliográfica: “Dia do Trabalhador”

Ação -3

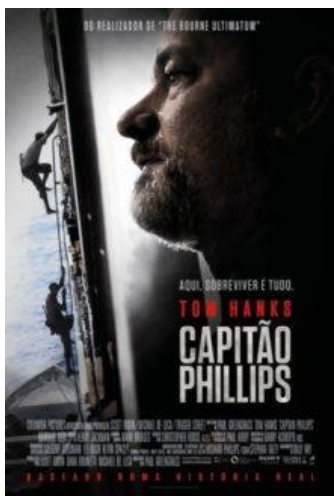
Dia 08 de maio – Dia Mundial da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho



World Red Cross Red Crescent Day
8 May 2012

Ação - 4

Dia 08 de maio - OUTRAS LEITURAS – **Capitão Phillips**



FICHA TÉCNICA

Realização

Paul Greengrass

Argumento

Billy Ray

Elenco

Tom Hanks, Barkhad Abdi, Catherine Keener, Chris Mulkey, Christopher Stadulis, John Magaro, Max Martini.

«Captain Phillips» representa a visão multifacetada da captura, em 2009, do porta-contentores norte-americano Maersk Alabama por piratas da Somália. É simultaneamente – através do olhar característico de Paul Greengrass - uma emocionante aventura e um complexo retrato dos inúmeros efeitos da globalização.

O filme mostra a relação entre o comandante do Alabama, o Capitão Richard Phillips (Tom Hanks, vencedor de dois Óscares), e Muse (Barkhad Abdi), o chefe Somali, que o tem como refém. Phillips e Muse vêem-se em rota de colisão quando Muse e a sua tripulação decidem atacar o navio desarmado de Phillips. No inevitável confronto, a 145 milhas da costa da Somália, ambos serão confrontados com forças alheias ao seu controlo.

Ação - 5

Dia 09 de maio – Dia da Europa



No dia 9 de Maio de 1950, foi apresentada uma proposta de criação de uma Europa organizada por Robert Schuman, a qual ficou conhecida como "Declaração Schuman".

Este dia marca o começo da atual União Europeia e foi por esse motivo que na Cimeira de Milão de 1995 foi adotado o dia 9 de Maio como o **Dia da Europa**.

Exposição Bibliográfica: "União Europeia"

Ação - 6

Dia 15 de maio – Dia Mundial das Famílias



A data foi escolhida pela Assembleia Geral da ONU que proclamou o dia 15 de Maio como Dia Internacional da Família.

A celebração do dia Internacional da Família visa, entre outros objetivos, destacar:

- A importância da família na estrutura do núcleo familiar e o seu relevo na base da educação infantil;
- Reforçar a mensagem de união, amor, respeito e compreensão necessárias para o bom relacionamento de todos os elementos que compõem a família;
- Chamar a atenção da população para a importância da família como núcleo vital da sociedade e para seus direitos e responsabilidades desta;
- Sensibilizar e promover o conhecimento relacionado com as questões sociais, económicas e demográficas que afetam a família.

O primeiro Dia Internacional da Família foi celebrado em 1994.

Exposição Bibliográfica sobre a temática: "Família"

Ação - 7

Dia 18 de maio – Dia Internacional dos Museus



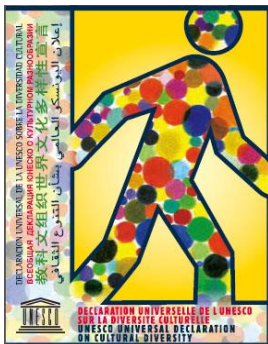
A celebração da data é feita desde o dia 18 de Maio de 1977, por proposta do ICOM – Conselho Internacional de Museus (organismo da UNESCO).

Neste dia vários museus têm entrada gratuita, sendo possível visitar as suas exposições e obras, assim como participar nas iniciativas preparadas para comemorar o Dia Internacional dos Museus. O horário de funcionamento dos museus é alargado com o objetivo de mais pessoas poderem visitar os espaços museológicos do país. Muitos museus aderem à iniciativa noite dos museus, estando abertos durante mais tempo para que mais pessoas possam visitar as instalações.

Exposição Bibliográfica sobre a temática: "Museologia"

Ação - 8

Dia 21 de maio – Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo



No dia 21 de maio, o mundo celebra o Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento. Nesta data, a UNESCO mobiliza os governos e a sociedade para o reconhecimento da importância da cultura e da diversidade cultural como fatores impulsionadores do desenvolvimento sustentável. Também chama a atenção para o poder que a cultura tem de acelerar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, a serem alcançados até 2015.

Exposição Bibliográfica sobre a temática: “Diversidade Cultural”

Ação - 9

Dia 22 de maio – Dia do Autor Português



Desde 1982 que se comemora, no dia 22 de Maio, o Dia do Autor Português, uma homenagem e reconhecimento àqueles que, nas diferentes áreas artísticas, ao longo da história de Portugal nos têm enriquecido culturalmente com as suas criações.

Exposição Bibliográfica sobre a temática: “Autores Portugueses”

DDCSCD - Biblioteca Municipal de Montalegre, Rua General Humberto Delgado, nº358

5470 – 247 Montalegre

Telef.: 276 510 200

Horário: segunda e quarta – 13.00h - 19.00h

terça, quinta e sexta – 9.00h-12.30h

14.00h-17.30h

e-mail: biblioteca@cm-montalegre.pt

pag. web: <http://www.cm-montalegre.pt/biblioteca/>

blogue: [http:// biblioteca-montalegre.blogspot.com](http://biblioteca-montalegre.blogspot.com)

facebook: <http://www.facebook.com/bibliotecamontalegre>

"No que diz respeito ao empenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio termo. Ou você faz uma coisa bem feita ou não faz."

Ayrton Senna